

O ENSINO DE LÍNGUA(GEM) MEDIADO PELAS TIC: REFLEXÕES ACERDA DA LEITURA E ESCRITA NA CONTEMPORANEIDADE

Júnior Alves Feitoza¹
Elke Alves Farias Coutinho²
Adely Carla Santos de Lima³

RESUMO

Este artigo visa refletir acerca do ensino de língua(gem) mediado pelas tic e como estas têm contribuído para um uso mais crítico e reflexivo da leitura e da escrita em ambientes digitais. Compreendemos que em uma sociedade cada vez mais digital, é imprescindível o uso das tic para a ampliação das práticas de linguagem vivenciadas pelo educando no contexto escolar e também fora dele. Tendo em vista que os ambientes digitais apresentam diversas possibilidades de leitura, produção de textos e conseqüentemente da apropriação de diferentes mídias e linguagens, pode contribuir com um processo de ensino e aprendizagem cada vez mais multimodal/multissemiótico contribuindo para uma aprendizagem mais significativa. Para tanto, recorreu-se ao seguinte referencial teórico: Coscarelli e Ribeiro (2005), Coscarelli (2016), Xavier (2005/2011), Rojo (2009/2013), Soares (2002), Lévy (1999), Coscarelli Novais (2010), Ribeiro (2021) entre outros.

Palavras-chave: TIC, Leitura, Escrita, Ambientes Digitais, Linguagens.

INTRODUÇÃO

As tecnologias da informação e comunicação – tic, estão presentes em todas as esferas sociais. Diante disso, não se pode pensar o ensino na contemporaneidade sem que se leve em conta as possibilidades trazidas por elas enquanto possibilidades pedagógicas em sala de aula, Coscarelli e Ribeiro (2005). Elas têm estado no cerne das reflexões acerca do ensino de língua(gem) para que professores se apropriem de práticas que levem os alunos a uma aprendizagem contextualizada, Xavier (2011).

¹ Mestrando em Formação de Professores pelo PPGFP pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Especialista em Língua, Linguística Literatura pelo Centro Universitário de Patos - UNIFIP, Graduado em Letras pelo Centro Universitário de Patos - UNIFIP, alvesjunior338@gmail.com;

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação Profissional em Formação de Professores - PPGFP pela Universidade Estadual da Paraíba - PB, Especialista em Supervisão Escolar pelas Faculdades Integradas de Patos – PB e Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - CE, supervisoraelke@gmail.com;

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação Profissional em Formação de Professores - PPGFP pela Universidade Estadual da Paraíba - PB, Especialista em Libras e Educação para Surdos pela Unopar -PR e Graduada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - PB. adelycarlasantos@gmail.com;

Sua apropriação para um trabalho com as múltiplas linguagens, multissemioses e as diversas mídias passa pelo entendimento e a compreensão de que esse ensino deve se pautar em práticas de linguagem que permeiam e constituam a vida do educando. Nessa perspectiva, oportunizar ao aluno o desenvolvimento de habilidades linguísticas a partir de uma diversidade textual-discursiva através de práticas multiletradas faz com que se pense na realidade de sala de aula tanto com o texto impresso quanto com os textos que circulam nas esferas digitais.

Os ambientes digitais têm colocado à disposição das sociedades uma série de textos de gêneros diversificados, esses, também nos fazem pensar acerca dessa leitura que demanda outras habilidades do leitor, não somente as habilidades linguísticas requeridas pelo impresso. A hipertextualidade digital também traz provocações sobre a realização dessa leitura de forma crítica e reflexiva, tendo a consciência do caminho que se percorre nas redes também são demandadas habilidades como buscar, navegar na web, checar conteúdos etc.

A escrita, nessa reflexão, passa pela compreensão de que não mais se escreve como se escrevia antes, isso é fato. As técnicas e habilidades que são necessárias a partir das possibilidades trazidas pelas tic, bem como os ambientes tecnológico-digitais e diversos lugares em que esses textos podem ser veiculados trazem reflexões sobre o que e como escrever. Em outras palavras, o produtor de textos passa a ser editor, remixer, designer, Rojo (2013).

Assim sendo, entende-se que tanto a leitura como a escrita na contemporaneidade estão condicionadas às mudanças que as tecnologias têm apresentado ao longo dos anos, sofrendo modificações e ampliações nos processos de ler e escrever. Isso faz com que se pense na importância acerca da leitura e da escrita e suas relações com as tecnologias digitais, bem como as implicações para o educando e o processo de ensino e aprendizagem como um todo.

Nesse sentido, este artigo visa refletir acerca do ensino de língua(gem) mediado pelas tic e como estas têm contribuído para um uso mais crítico e reflexivo da leitura e da escrita em ambientes digitais. Para tanto, está assim dividido: na primeira seção – As tics no/para o ensino de língua(gem), na segunda seção – A leitura, o leitor, os ambientes:

reflexões, na terceira seção – O produtor-escritor-editor de textos: reflexões. Por fim, algumas considerações finais, que suscitam e instigam outras pesquisas.

METODOLOGIA

O presente estudo é de cunho bibliográfico, de modo que foram traçadas discussões teóricas a partir do seguinte referencial: Coscarelli e Ribeiro (2005), Xavier (2005/2011), Rojo (2009/2013), Soares (2002), Coscarelli Novais (2010), Ribeiro (2018/2021), Lévy (1999), Dionísio e Vasconcelos (2013), que serviu de base para as reflexões acerca do tema, para que chegássemos ao objetivo proposto, sem ter pretensão, obviamente, de esgotar o objeto de estudo em questão.

REFERENCIAL TEÓRICO

As tics no/para o ensino de língua(gem)

A tecnologia tem evoluído de forma rápida e significativa nos últimos anos e essa evolução é notada em todos os segmentos sociais, inclusive na educação. Nesse contexto, a utilização da informática na educação é fundamental, possibilitando o desenvolvimento de atividades diversas que despertam o interesse dos alunos, bem como estimulam sua aprendizagem, Coscarelli e Ribeiro (2005).

Diante disso, compreende-se a importância do uso das tecnologias da comunicação e informação no processo de ensino-aprendizagem de Língua Materna enquanto suporte fundamental, mas não só enquanto suporte, também enquanto possibilidade de aprendizagem significativa que desperta interesse e vontade de aprender.

Nesse sentido, espera-se, pois, que o ensino de língua materna na escola seja significativo para os alunos, uma vez que estes, na sua grande maioria, já traz do meio em que vive experiências com práticas de linguagem diferenciadas, sobretudo, no que diz respeito ao digital, midiático, em suas vivências tecnológico-sociais. Alguns, porém, têm suas primeiras experiências com os meios digitais na escola e isso nos faz refletir acerca das práticas que estamos adotando em relação ao trabalho com as tics nesse contexto.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (2018), nos aponta para um trabalho que permeie as mais variadas práticas de linguagens, desse modo, o trabalho com

a leitura e a escrita deve estar pautado em vivências de textos variados, impressos e também digitais, dessa forma, numa perspectiva dos multiletramentos. Desse modo, há uma preocupação em fazer com que o educando tenha o contato com gêneros textuais-discursivos diversificados que permeiem todas as atividades cotidianas vivenciadas pelo educando, dando assim significado a sua prática na escola.

De acordo com Rojo (2009), o processo de ensino-aprendizagem em que os sujeitos estão envolvidos deve responder a efeitos de

enfocar, portanto, os usos e práticas de linguagens (múltiplas semioses), para produzir, compreender e responder a efeitos de sentido, em diferentes contextos e mídias. [...] Para participar de tais práticas com proficiência e consciência cidadã, é preciso também que o aluno desenvolva certas competências básicas para o trato com **as línguas, as linguagens, as mídias e as múltiplas práticas letradas**, de maneira crítica, ética, democrática e protagonista. (ROJO, 2009, p. 119) (Grifo da autora)

Isso faz com que o professor (re)pense sua prática pedagógica e suas metodologias, inserindo as tecnologias digitais em suas aulas propiciando a inserção desses alunos que ainda não têm acesso, aprimorando ou mesmo ampliando esses usos digitais e sua compreensão de forma responsável, uma vez que eles farão usos das tic em diversos contextos da sua vida, socialmente, de maneira crítica, ou seja, é necessário que o professor não esteja alheio a isso.

Desse modo, pode-se observar que essa prática de uso reflexivo, pode levar o aluno a entender a importância dos letramentos digitais e mais que isso, participar deles de forma responsável escolar e socialmente.

Nessa perspectiva do letramento digital enquanto prática social que se faz a partir dos usos sociais da leitura e da escrita mediado pelas tecnologias digitais, Soares afirma que

a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e, até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. [...] A hipótese é de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um *letramento digital*, isto é, um *certo estado ou condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado ou condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (SOARES, 2002, p. 151) (Grifo da autora)

Corroborando com essa afirmação de Soares, Xavier (2005) vai dizer que um indivíduo letrado digitalmente é aquele que assume posturas autônomas e críticas, sendo capaz de assumir mudanças nos modos de escrever e ler os diferentes códigos e sinais verbais e não verbais, como desenhos, imagens e sons, considerando que o suporte que comporta os textos digitais, também é digital.

Nesse formato digital, que nos dá uma possibilidade de elaborar, criar, recriar textos, no qual estes ganham novos formatos que podem congregam diferentes linguagens e várias possibilidades de sentido, o que configura um grande ambiente multimodal na/para a sociedade na qual estamos inseridos como nos diz Dionísio e Vasconcelos (2013).

A sociedade na qual estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico multissemiótico. (Dionísio e Vasconcelos, 2013, p. 19).

Esses textos, com essas novas configurações e possibilidades de sentidos configuram-se multiletramentos, tanto pela sua diversidade cultural e de linguagens quanto pelas diversas possibilidades de produção e circulação que apresentam, Rojo (2013).

Ainda de acordo com Rojo (2013), esses novos textos têm algumas características:

- a) Eles são interativos; mais que isso, são colaborativos;
- b) Eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais e não verbais]);
- c) Eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).
Assim sendo o melhor lugar para eles existirem é “nas nuvens” e a melhor maneira de se apresentarem é na estrutura ou formato de redes (hipertextos, hiperlinks). (Rojo, 2013, p. 23)

Nesse sentido, compreende-se que os meios digitais são essenciais para essa nova experiência com textos que apresentam linguagens diversas em todas as esferas. Assim sendo, eles resultam em práticas de letramentos digitais, uma vez que circulam através das hiperlinks e apresentam entre outras possibilidades de existirem, as nuvens como destaca Rojo (2013).

Dessa maneira, se faz essencial que o professor de língua materna, na sua prática escolar, esteja atento aos meios tecnológicos que podem proporcionar aos alunos vivências de letramentos digitais, contemplando e incorporando ao seu planejamento de ensino, atividades que proporcionem a iniciação, participação e/ou ampliação dessas vivências, pois essas podem levá-los a interessar-se mais pelo processo de ensino-aprendizagem da língua(gem) nos seus diversos aspectos linguísticos, contribuindo para tornar o aprendiz uma pessoa cada vez mais autônoma, crítica e reflexiva em relação aos usos da leitura e escrita em seus diversos suportes e contextos de atuação, inclusive o digital.

A leitura, o leitor, os ambientes: reflexões

A leitura é, sem dúvidas, uma atividade importante, comum e corriqueira no cotidiano das sociedades. Na vida dos alunos ela é ainda mais constante. Lê-se para buscar uma informação, para resolver exercícios, para se entreter, enfim, para uma infinidade de ações. Desse modo, ela torna-se fundamental na formação crítica e reflexiva do educando.

É bem verdade que as tecnologias da comunicação e informação, sem dúvidas, inauguraram um novo formato nas relações entre leitor e texto. Não se pode negar que houve uma transformação/ampliação no ato de ler, bem como na diversidade textual e multimodal tanto em relação ao impresso como digital. Os textos são cada vez mais diversos e apresentam linguagens e formatos que possibilitam reflexões e sentidos diversificados, Rojo (2013).

Ainda nessa perspectiva Rojo (2010, p. 28) afirma que:

Por força da linguagem e da mídia (digitais) que as constituem, essas tecnologias puderam muito rapidamente misturar a linguagem escrita com outras formas de linguagem (semioses), tais como imagem estática (desenhos, grafismos, fotografias), os sons (da linguagem falada, da música) e a imagem em movimento (os vídeos). E o fizeram de maneira hipertextual e hipermediática. Por força dessa possibilidade e dessa forma de misturar linguagens, também muito rapidamente os textos – mesmo os textos impressos – que circulam em nossa sociedade se transformaram: passaram também a combinar linguagens de maneira hipertextual. (Rojo, 2010, p. 28)

Pensar acerca da leitura nessa perspectiva multissemiótica e hipertextual da linguagem na contemporaneidade, é refletir em relação ao que se deve fazer em sala de aula para unir ao trabalho docente atividades que se realizem a partir de textos impressos

e digitais, pois ambos convivem na realidade social do educando, trazendo diversas possibilidades de realização de um trabalho fantástico em relação às linguagens. Desse modo, a sala de aula não pode estar alheia a essas possibilidades no que concerne ao trato e vivência com a diversidade hipertextual e de linguagens que a rodeia.

De acordo com Ribeiro (2021, p. 22)

A leitura se movimenta também conforme os ventos da tecnologia – manuscrito, impresso, digital –, incluindo-se aí materialidades, inscrições, formatos, além de modos de organização social e escolar, da oferta de textos e meios de difundi-los. (Ribeiro, 2021, p. 22)

Nessa perspectiva, pode-se compreender que a leitura é uma atividade e um processo complexo, Coscarelli e Novais (2010), que se atualiza socialmente de modo como a evolução das linguagens, dos formatos, da difusão dos textos ocorrem. Assim, quanto mais amplas forem as tecnologias no que concerne ao surgimento de textos para circularem em formatos e esferas diversas, maiores serão as habilidades e competências que os leitores deverão obter, e conseqüentemente adquirirão com eles.

O processo de leitura ou o ato de ler, seja no impresso ou no digital, demanda do leitor habilidades linguísticas diversificadas em relação à apropriação e entendimento do texto. Em se tratando de leitura em ambientes digitais, não só são requeridas habilidades linguísticas diversas, mas também em relação a saber-fazer uso consciente e crítico de determinadas ferramentas tecnológico-digitais, do ponto de vista teórico, mas também prático, como buscar, navegar, checar fontes, curar conteúdos etc.

Nessa perspectiva, Ribeiro (2021, p. 24) traz a seguinte definição

O leitor contemporâneo seria, então, instalado a lidar com a escrita de novos modos, em relação tanto à difusão do texto quanto às suas formas de inscrição. As tecnologias digitais são tratadas como uma revolução tão importante quanto original. (Ribeiro, 2021, p. 24)

Compreende-se que a leitura e o leitor estão em constante movimentação, atualização, uma vez que esta é inerente e faz parte do processo. Assim, tão importante para a leitura é o texto em si e a compreensão que se constrói deste, se faz importante também compreender que as tecnologias digitais fazem com que novos textos surjam, assim como configura outros modos de produção, veiculação, edição, etc.

Obviamente, se temos uma atualização de gêneros e entre eles os digitais mediados pelas tecnologias, temos também que ter enquanto leitores, outras habilidades como destaca Coscarelli (2016, p. 64) “a leitura na internet requer duas principais competências que se entrelaçam: a navegação e a leitura”. Assim sendo, pode-se inferir que para ser um bom leitor digital é evidente que se aproprie de habilidades como saber usar mecanismos de busca na web, selecionar e avaliar conteúdos, se ater a palavras-chave, enfim, uma série de habilidades inerentes ao processo de leitura digital, hipertextual.

Faz-se necessário refletir acerca dessas habilidades, tão requeridas na atualidade, sobretudo no que diz respeito à busca e à navegação nas redes, pois estas apontam que tipo de leitor se é ou se está construindo.

De acordo com Santaella (2004, p. 19, apud COSCARELLI, 2016, p. 67) há três tipos de leitores a partir do seu estilo de navegação, “o leitor errante, o leitor detetive e o leitor previdente”.

O leitor errante seria aquele que explora aleatoriamente o ambiente virtual, constrói gradativamente sua compreensão do ambiente e não teme errar. Ele deriva sem rumo. “suas rotas são idiossincráticas, turbulentas e, no mais das vezes, dispersivas e desorientadas”. (Santaella, 2004, p. 178). O leitor detetive é disciplinado, fareja indícios, orienta-se racional e logicamente pelos índices dos ambientes hipermidiáticos, aprende com sua experiência (seus acertos, erros) e adapta-se diante das dificuldades. O leitor previdente seria o leitor que, já familiarizado com o ambiente, movimenta-se seguindo a lógica da previsibilidade, antecipando as consequências de suas escolhas. É o leitor que se orienta “por uma memória de longo prazo que o livra dos riscos do inesperado” (Santaella, 2004, p. 179). Grifos da autora. (Coscarelli, 2016, p. 67-68)

Percebe-se que é extremamente importante ser consciente em relação ao tipo de leitor que se é, e dos usos que se faz das mídias digitais, pois esses, vão determinar o perfil daquele que o faz. Cada leitor é responsável por aquilo que pesquisa, bem como sua reflexão e crítica acerca das informações e sua confiabilidade, fontes. No dia a dia, percebe-se que muitas vezes há uma oscilação entre dois ou mesmo entre os três tipos de leitores apresentados por Santaella entre as pessoas, nem sempre se consegue ser um leitor previdente.

Compreende-se, pois, que o leitor em ambientes digitais deve estar preparado para lidar com textos que se apresentam ou se colocam à sua frente de diversas maneiras e em

diferentes linguagens (multissemióticas). Deve estar ciente das “adversidades” que esses textos podem apresentar para um leitor, por exemplo, inexperiente ou que não adquiriu a capacidade de letramento digital como reitera Soares (2002).

Estar familiarizado com determinada ferramenta tecnológica, muitas vezes não dá ao aluno a capacidade de fazer leituras reflexivas em ambientes digitais, se faz necessário percorrer caminhos e encontrar muitas vezes nos seus erros as experiências que nortearão sua prática futura, tornando-se como diz Santaella (2004) um leitor previdente.

Percebe-se que se faz necessário navegar, buscar, pesquisar e que estes são os caminhos a serem seguidos nos ambientes digitais, no entanto, isso deve promover reflexão e despertar um olhar crítico do educando para seu processo de leitura e sobretudo de aprender a aprender.

O produtor-escritor-editor de textos: reflexões

Assim como as mídias digitais têm contribuído para as reflexões e ampliações acerca dos processos de leitura, também se apresentam estudos e reflexões em relação à escrita mediada por ferramentas e suportes tecnológico-digitais.

Escrever na contemporaneidade não é mais como se escrevia. Se antes se tinha apenas a possibilidade da escrita no papel, do impresso, agora, com as TIC se têm a certeza de que houve a ampliação das possibilidades de forma avassaladora e fantástica.

De acordo com Rojo (2013, p. 19)

As novas formas de produção, configuração e circulação dos textos, que implicam multiletramentos. As mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação, o surgimento e a ampliação contínuos de acesso às tecnologias digitais da comunicação e da informação provocaram a *intensificação* vertiginosa e a *diversificação da circulação da informação* nos meios de comunicação analógicos e digitais. (Rojo, 2013, p.19) Grifo da autora.

As novas tecnologias oportunizam ao educando o acesso a informações acerca de modos e formas diversas de ler, escrever, editar e remixar textos de gêneros diversos entre eles gêneros digitais, eles apresentam muitas linguagens e misturam formas e formatos diversos, multissemióticos. A escrita já não é mais a mesma (lápiz e papel) e as questões que antes pareciam ser um “problema” como corrigir, colocar nas normas etc., agora se apresentam de maneira mais simples pelas fantásticas oportunidades que as tecnologias

apresentam enquanto ferramentas que podem possibilitar a revisão, edição, correção de textos etc.

Essa revolução é, sem dúvida, fantástica e aponta para a escrita digital muito usada socialmente e reverenciada por muitos que veem nela os avanços e as facilidades na comunicação que a escrita à mão não oportunizava. Pode-se então refletir sobre o que seria escrever nos dias de hoje, para tentar fazer uma conexão com os novos formatos-configurações nos quais ela se apresenta.

Para Lévy (1999),

O trabalho de produção de textos no computador deve levar em conta todas as possibilidades de interação com imagens e símbolos, penetrando em um novo universo de criação e estruturando o aparecimento de novos gêneros ligados à interatividade. [...] O texto é posto em movimento, envolvido em um fluxo, vetorizado, metamórfico (LÉVY, 1999, p. 48).

Nessa perspectiva, produzir textos a partir do que as ferramentas digitais trazem, apontam para se atentar a esse novo perfil do produtor de textos, como aponta a BNCC para um “usuário da língua/das linguagens” como designer: “alguém que toma algo que já existe (inclusive textos escritos), mescla, remixa, transforma, redistribui, produzindo novos sentidos, processo que alguns autores associam à criatividade.” (BRASIL, 2018, p. 70) Assim sendo, o produtor de textos é chamado a ser desiner, ou seja, a trabalhar com uma multiplicidade de linguagens e dar uma nova roupagem para produzir diferentes e múltiplos sentidos.

De acordo com Ribeiro, “A adesão a novas máquinas, novos modos de produzir textos, novos gêneros textuais são “criações” sociais, menos ou mais inusitadas, inovadoras, que correm conosco na história da leitura e dos modos de escrever.” Ribeiro (2018, p. 85) Entende-se que a sociedade evolui em todos os âmbitos e em relação à escrita não é diferente, os novos formatos de escrita que temos hoje, mediada por máquinas e artefatos digitais é, sem dúvidas, resultado do processo de evolução tecnológico-digital vivenciada pela sociedade.

É importante que se compreenda que essa atualização na escrita ou reformulação do modelo de escrita, como se queira chamar, não despreza nenhuma outra forma de escrita anterior, mas amplia esses processos e compreendem um novo momento na vida e na evolução social, Ribeiro (2018).

Nesse sentido, esse “novo” escritor ou escritor mais experiente além de colocar em prática as habilidades linguísticas requeridas na escrita impressa, também as amplia trazendo a essa experiência, outras, como a de formatação textual, edição, a convalidação ou a junção de diversas linguagens, salvar, compartilhar, uma vez que esses textos são cada vez mais multimodais e hipertextuais.

Nessa perspectiva, a BNCC aponta que a escola deve “contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia.” (BRASIL, 2018, p.70)

Pode-se compreender um produtor-escritor de textos que escreve no papel e ao mesmo tempo se vale da cultura digital é alguém que compreende a importância de articular letramentos, mídias e linguagens diversificadas, numa sociedade cada vez mais digital. Entende-se, pois, que escrever na contemporaneidade não exclui a cultura do impresso em detrimento da cultura digital, mas que deve haver um ponto de convergência entre ambas, uma vez que, para a escrita digital competente é necessário o domínio dos meios digitais, mas não somente isso, faz-se necessário o letramento da letra – a apropriação do código linguístico para que, assim sendo, se consiga usar a escrita digital crítica e reflexivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que se trata de uma pesquisa bibliográfica, não há resultados, apenas discussões teóricas acerca do objeto pesquisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar a língua materna na atualidade é, sem dúvidas, um desafio para o docente, bem como, aprender a língua e entender como esta se apresenta em diferentes contextos, é desafiador para o aluno. Em meio a esse processo de ensino e aprendizagem estão presentes as tic, que têm trazido para a prática docente muitos desafios, mas também possibilidades pedagógicas diversificadas de fazer com que sua prática seja ressignificada e a aprendizagem significativa para o aluno.

Ler e escrever já não são atividades a serem ensinadas como antes, uma vez que os suportes não são mais somente os textos impressos, mas muitos se apresentam em

páginas digitais e apresentam os mais variados gêneros e formatos. Assim, os meios digitais têm proporcionado o surgimento de novos gêneros, bem como, fez outros caírem em desuso. Diante disso, faz-se necessário refletir constantemente acerca de como a escola tem se preparado para lidar com essa nova demanda e desafios de ensinar na contemporaneidade.

Entende-se, pois, que é desafiador pensar um trabalho com a língua(gem) sem pensar em uma vivência com práticas de linguagem diversificadas e situadas por parte do aluno, do ponto de vista conceitual e prático como propõe a BNCC. Assim, refletir acerca de uma prática pautada não apenas no uso das tecnologias, mas na criação e uso crítico e reflexivo destas como propõe a 5ª competência geral da BNCC, ressignificando o processo de ensinar e aprender, que é urgente e necessário.

REFERÊNCIAS

COSCARELLI, Carla.; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

COSCARELLI, Carla.; NOVAIS, Ana Elisa. **Leitura: um processo cada vez mais complexo**. Letras de hoje, v.45, n. 3, p. 35 – 42, jul./set.

DIONISIO, Ângela Paiva; VASCONCELOS, L. J. de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In: BUZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.). **Múltiplas linguagens para o Ensino Médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** São Paulo: Editora 34, 1999.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2021.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento digital**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143 – 160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

XAVIER, Antônio Carlos. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

XAVIER, Antonio Carlos. **Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y**. Calidoscópio Vol. 9, n. 1, p. 13-14, jan/abr/2011 Unisinos.